

De acordo com a concepção tradicional da Igreja Católica Romana, dogma cristão é a expressão da irracional verdade divina, revelada à igreja como instituição. Por essa razão a nova geração de pesquisadores católicos encontra enormes dificuldades em superar o abismo existente entre uma compreensão absolutista de dogma e uma concepção necessariamente relativa de história. Polemizando contra tal conceito de dogma, Adolf von Harnack afirmou, no início do presente século, que não existem mais dogmas, razão pela qual não se pode mais falar em História dos Dogmas, porém em Crítica dos Dogmas.

Na ocasião em que os padres conciliares se reuniram em Nicéia, em 325, e designaram pela vez primeira uma decisão de fé com o termo DOGMA, jamais pensaram em que sua decisão fosse considerada infalível ou verdade eterna. Afirmaram tão somente que em sua situação histórica haviam expressado autenticamente sua fé, conteúdo da doutrina cristã. Também posteriormente a Igreja Antiga não entendera os dogmas como definições filosóficas, e sim como confissões doutrinárias, que apesar de estarem relacionadas a um passado, certamente poderiam ser reinterpretadas e eventualmente criticadas.

Se assim compreendermos os dogmas, isto é, como confissões doutrinárias, torna-se-nos claro que a expressão do reconhecimento da verdade confiado à Igreja como corpo de Cristo passa a ser uma tarefa em cada nova situação histórica. Uma vez que uma confissão doutrinária é algo muito pessoal, sempre depende da terminologia, experiência, concepção de mundo e contexto ético-social do confessante. Se, portanto, o autor deste livro entende serem os dogmas confissões doutrinárias e neles enquadra a Declaração Teológica de Barmen, de 1934, contra a reivindicação totalitária do Estado Nacional-Socialista Alemão, e igualmente inclui na História dos Dogmas todo o Movimento Ecumênico, então poderá despertar no leitor latino-americano a seguinte pergunta:

Que confissão é hoje exigida de nós, cristãos que vivemos num continente onde, em grande escala, as estruturas sociais e políticas se encontram em profunda transformação ou revolução e onde, ante o clamor dos desprivilegiados, imperioso se torna orientar prudentemente o processo de rápidas transformações?

A presente obra faz parte do programa de traduções de literatura teológica para o vernáculo, promovido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Seu autor, B. Lohse, é professor de História Eclesiástica e dos Dogmas, na Faculdade de Teologia da Universidade de Hamburgo (RF Alemanha).

H.-J. PRIEN

METZGER, Martin — **História de Israel**, Editora Sino-dal, 1972.

A tradução de "Grundriss der Geschichte Israels", de Martin Metzger, veio preencher pelo menos uma pequena fração do enor-

me vazio existente no campo da literatura teológica de base, em português.

A obra de Metzger visa um círculo de leitores que ultrapassa o âmbito restrito dos teólogos acadêmicos. Em vista disso, prescinde em grande parte de apresentar em minúcias o caminho científico percorrido para chegar às conclusões expostas. Em contrapartida, prefere proporcionar uma visão geral da antiga História de Israel, que seja acessível também ao leitor menos preparado. E, realmente, devemos atestar que Metzger consegue apresentar a matéria de modo claro, conciso e fluente, proporcionando uma fácil assimilação.

O conteúdo do trabalho, que abrange a História de Israel desde os primórdios até o período romano, estriba-se nos mais recentes resultados da pesquisa, especialmente da pesquisa alemã, que, neste campo, tem como expoentes nomes como Albrecht Alt e Martin Noth. Metzger consegue oferecer uma visão geral dos resultados da pesquisa, que merece absolutamente o nosso aval.

Um dos grandes méritos da obra é a indicação de textos e de literatura especializada, à testa de cada capítulo. Com isso, o leitor recebe ótimos subsídios para comprovar o exposto no texto bíblico e para aprofundar-se mais no assunto em apreço. É lamentável que tal recurso não possa ser exaustivamente aproveitado entre nós, devido à falta de traduções das obras citadas.

Do ponto de vista formal, a apresentação do livro é boa. Lamenta-se, porém, o grande número de erros tipográficos, que se tornam particularmente prejudiciais quando atingem números e datas. A tradução, se não chega a ser perfeita, assegura uma leitura fluente.

Em resumo: trata-se de uma obra de alto gabarito em seu conteúdo, que deverá trazer grandes benefícios tanto para o teólogo acadêmico como para professores de religião ou outros leigos interessados no assunto. Por isso mesmo, damos-lhe aqui a nossa mais calorosa recomendação.

NELSON KIRST